

12352 - Diagnóstico Participativo da Agrobiodiversidade nos Assentamentos Moacir Wanderley e Olga Benário de Sergipe.

Participative Diagnosis of Agrobiodiversity in Settlements Moacir Wandered and Olga Benário in Sergipe.

RABANAL, Jorge Enrique Montalván¹; DALMORA, Eliane²; SANTOS, Angela Maria de Oliveira³; Dos SANTOS, Izabel⁴

1 Centro Comunitário de Formação em Agropecuária D. José Brandão de Castro-CFAC, rabanal80@gmail.com; 2 IFS/Campi São Cristóvão, edalmora@ig.com.br; 3 IFS/Campi São Cristóvão, angela_agro_@hotmail.com; 4 IFS/Campi São Cristóvão, izabel.agro@hotmail.com

Resumo: Os assentamentos rurais de Sergipe enfrentam muitos desafios quanto à garantia de uma alimentação diversificada e quanto à oferta de produtos para os mercados locais. Os limites para a conversão orgânica são a reposição da fertilidade dos solos frente à baixa integração entre culturas e criações animais, práticas inadequadas de restauração dos agroecossistemas degradados e medidas de controle de predadores nem sempre criteriosas. O objetivo foi diagnosticar a relação entre a natureza, a diversidade cultural inter e intra-específica, identificando as potencialidades dos assentamentos do estado de Sergipe Olga Benário e Moacir Wanderley. Para o diagnóstico participativo da biodiversidade local o pesquisador residiu na comunidade e foram aplicadas matrizes da diversidade e seus usos de plantas e animais. A diversidade de culturas é rica no que se refere às frutas, mas pouco significativa no contexto das hortaliças e das variedades cultivadas. Porém, a perspectiva de manter o autoconsumo, a restrição quanto à dependência de insumos externos são estratégias que revelam a busca do grupo pela sua autonomia alimentar e se constitui numa forma de co-produção visando melhorias qualitativas dos recursos

Palavras chaves: agrobiodiversidade, assentamentos rurais, autoconsumo.

Abstract: The rural settlements of Sergipe face many challenges in ensuring a diverse supply and the supply of products for local markets. The limits for organic conversion is the restoration of soil fertility upon the low integration between crops and livestock animals, inadequate restoration practices of degraded agro-ecosystems and predator control measures are not always insightful. The objective was to diagnose the relationship between nature, cultural diversity, inter and intra-specific, identifying the Moacir Wanderley and Olga Benário potential settlements of the state of Sergipe. To diagnose the local participatory biodiversity, the researcher resided in the community and diversity arrays were applied (inter-and intraspecific) and their uses of plants and animals. The diversity of cultures is rich when it comes to fruit, but not significant in the context of the vegetables and the grown varieties. However, the prospect of keeping their own consumption, the restriction on the dependence on external inputs are strategies that reveal the group's search for their food sovereignty and constitutes a form of co-production towards quality improvement resources.

Key words: : agrobiodiversity, settlement, own consumption.

Introdução

A intenção do trabalho foi contatar a Agrobiodiversidade dos assentamentos Olga Benário e Moacir Wanderley que estão localizados na região metropolitana de Aracaju nos municípios de Santo Amaro das Brotas e Nossa Senhora do Socorro respectivamente.

A ferramenta utilizada para nortear as atividades se basearam no trabalho de Machado, (2006) que propõe a aplicação de um roteiro de diagnóstico participativo de agroecossistemas com enfoque na agrobiodiversidade, além disso foram aplicadas ferramentas participativas na abordagem com a comunidade como forma de estabelecer o primeiro contato com os agricultores.

A abordagem objetivada no roteiro da agrobiodiversidade priorizou ações sob uma ótica participativa, na medida que buscou-se favorecer a expressão de diferentes assentados nas reflexões coletivas; Ecológico porque o roteiro fez um levantamento da agrobiodiversidade local sem especializar as observações em uma cultura específica; Temporal porque relacionou em diversos momentos do roteiro o que existiu, o que se mantinha e o que se desejava recompor de agrobiodiversidade local.

Em muitos casos a extensão rural descontextualizada gerou problemas de endividamento aos agricultores devido ao incentivo de projetos inadequados a realidade e aos interesses dos agricultores. Como resultado, os extensionistas enfrentam uma crise de credibilidade e precisam inovar suas propostas de trabalho, rompendo com o intervencionismo composto de soluções técnicas padronizadas, não compatíveis com a diversidade da agricultura camponesa (THOURTON, 2006). O envolvimento participativo dos mediadores sociais e o seu engajamento na definição coletiva das propostas de desenvolvimento local são as necessidades atuais dos assentamentos rurais. Desta maneira, espera-se que orientações dadas por este trabalho e suas adaptações, coloquem os futuros técnicos em uma condição de maior proximidade a realidade dos assentados e que possibilitem ações mais adequadas às necessidades.

Metodologia

Os diagnósticos participativos têm se constituído numa importante ferramenta para o trabalho dos extensionistas rurais, conferindo uma base de dados confiáveis para o planejamento das ações a serem implementadas no contexto dos estabelecimentos rurais.

Esta pesquisa foi idealizada como parte das atividades de estágio de conclusão do curso de Técnico em Agropecuária do IFS-SE, Campus de São Cristóvão e do projeto de Pesquisa, CNPq/MDA. Para compreender a percepção dos agricultores quanto a agrobiodiversidade é importante considerar não somente as espécies conservadas em particular mas os sistemas agrícolas como um todo (SANTILLI, 2009).

Primeiramente foi realizada uma reunião para a inserção das estagiárias nos assentamentos da comunidade e para isto desenhamos uma atividade participativa em cada um dos assentamentos. Na ocasião a proposta de trabalho foi apresentada para a comunidade visando consultar sobre seu interesse em contribuir com a estagiária. Logo ela passou a residir no local onde no primeiro mês conheceu as famílias e participou das atividades de produção, tendo como método a observação participante relacionada aos tratamentos culturais, o desenvolvimento das culturas, as condições do solo e do clima.

Inicialmente foi aplicado um questionário visando caracterizar cada família, identificar as principais culturas e criações, variedades e raças, a renda, a composição da família, as relações com o mercado e com o consumo.

Foram selecionados sete agricultores no assentamento Moacir Wanderley e dez agricultores no Olga Benário, visando aplicar as matrizes de diversidade inter e intraespecífica; ferramenta esta adaptada de Machado e Machado (2006). A aplicação de matrizes da diversidade e seus usos de plantas e animais são favoráveis para detalhar e qualificar aspectos dos tratos culturais e os objetivos do agricultor quanto à produção. Com este grupo menor foi realizada uma dinâmica onde perguntas geradoras foram lançadas ao coletivo. O objetivo foi identificar as preferências alimentares dos agricultores, o que se produz para a comercialização e qual o consumo de alimentos industrializados.

Resultados e discussão

Ao tornar visível o saber dos agricultores quanto às plantas cultivadas, as formas como as caracterizam, as percepções, os valores e saberes pode-se concluir sobre a conservação da agrobiodiversidade (SANTILLI, 2009). Foi possível encontrar informações diversas na agrobiodiversidade dos dois assentamentos estudados, que além de variedade inter e intraespecífica, trouxe as condições de plantio e manejo das culturas por parte dos agricultores, algo extraordinário quando se refere aos pacotes tecnológicos e que pode ser traduzido em frases como: “ o inhame tem que zelar muito, tem que sempre puxar terra”; “ pro amendoim dá bom tem fazer uma boa limpa quando da segunda flor”.

No momento inicial em que foi realizada a abordagem participativa foram feitos os seguintes questionamentos ao coletivo: - Quais os alimentos que mais se consome? - Qual a cultura/criação que mais se ocupam em zelar para colheita? - Quais alimentos industrializados que a família consome?

Do primeiro questionamento os assentados descreveram seus pratos preferidos e as mulheres caracterizaram as particularidades quanto ao preparo. Na oportunidade foi problematizada a importância de difundir o hábito de consumo dos pratos provenientes dos alimentos da sua roça.

Na segunda pergunta, houve um diferencial entre os assentamentos, sendo que no Olga Benário a cultura da mandioca é a mais importante por ser a mais explorada no mercado local, pela preferência na área destinada e a que é desenvolvida por todos os agricultores. Já no Moacir Wanderley predomina o milho e o feijão como alimento essencial de subsistência, além da vaca de leite que é reserva de valor nos momentos de necessidade. Quanto aos alimentos industrializados mais consumidos estão: biscoitos, bolachão, pipoca, salgadinhos de milho, refrigerantes e outros. Neste momento problematizamos sobre a origem camponesa dos produtos industrializados consumidos, o distanciamento e desvalorização dos processos “caseiros” de domínio local, assim como uma indução a novos hábitos alimentares. Ao resgatar os vínculos do que se cultiva e o que faz parte da alimentação do agricultor, resgata-se o questionamento sobre a questão dos meios de sobrevivência conferidos pela produção de alimentos do assentado. Para tanto, há que se observar a (co) produção, ou seja, a interação e transformação mútua constantes entre o homem e a natureza viva. O que implica em avaliar os recursos sociais e naturais reconfigurados visando garantir os meios de sobrevivência (PLOEG, 2008)

Nas dinâmicas de grupo o debate foi frutífero no sentido de resgatar a importância dos cultivos para o consumo da família, os alimentos diversificados e novas estratégias que visam atingir os mercados locais e regionais. Em ambos os assentamentos as criações animais são restritas em termos de expressão econômica e também em diversidade de raças e tipos de animais. Predomina as galinhas caipiras para consumo e venda; o gado de leite mestiço, gado de corte mestiço e gado nelore para venda; a ovelha mestiça e a Santa Inês e o suíno mestiço. Nos assentamentos os animais são criados com o objetivo de alimentar as famílias, mas não apresenta quantidade expressiva para atender ao consumo do ano. Apenas em alguns casos e para algumas criações (gado, galinha e ovelha) há escala de produção suficiente para atender a família.

Encontramos algumas similaridades entre os assentamentos no manejo dos animais. A criação de galinhas é conduzida no terreiro de forma extensiva, o que facilita a alimentação em fases de escassez de milho próprio ou de recursos para compra de ração. Nestes casos a alimentação se baseia na mandioca, côco, restos de comida, capim e insetos. Para evitar e combater doenças nas aves alguns utilizam alho e limão na água. No Olga Benário também há a prática de uso de medicamentos para os animais.

A criação de gado de leite e de corte é feita de forma extensiva, com a diferença de que o lote dos assentados do Olga Benário é menor que os do Moacir Wanderley, fazendo com que os primeiros tenham rebanho e produção de leite menores. Trata-se de uma atividade que demanda uma forte presença de insumos externos como vacinas, sais minerais e aluguel de pastos, para os que têm rebanhos maiores. O método de criação extensivo é adotado para a criação de ovelhas e no Olga Benário também existe a exploração de cabras leiteiras. Já a suinocultura apesar de ser confinada é rústica no que se refere à alimentação e instalações.

No que tange a diversidade das culturas agrícolas é mais significativa que as criações. Entre as culturas anuais encontradas foram milho (caboclinho, feira e cateto), macaxeira (preta, vermelha, rosa branca e kiriris); amendoim feira, feijão de corda (rajadinho e moita); abóbora (cabocla, melão, leite) e inhame (corneta e liso). As culturas utilizadas com fins comerciais são milho, macaxeira, amendoim e feijão de corda. Quanto à diversidade inter e intra-específica de hortaliças há culturas para consumo de coentro, abóbora, couve, tomate, quiabo, cheiro verde, couve, manjeriço e hortelã. Já as plantas medicinais cultivadas são: babosa, capim santo, mastruz, alevante, pinhão roxo, cidreira, boldo, cheiro verde gergelim, sete dor, mastruz cidreira, capim santo, alho, gengibre, boldo, camomila, entre outras.

Na área de frutas são cultivadas para o consumo: acerola, abacaxi, graviola, manga (espada, caxangá, espada, rosa), mamão (havaí), goiaba, côco (anão e mestiço), carambola, jaca, limão, laranja, pinha, banana (maçã), araçá caju, pitanga, abacate, jambo, caju, tamarindo, jenipapo e manjelão. Para a venda no Moacir Wanderley há a laranja e abacate e no Olga Benário há banana (pêra, pacovan, prata, maçã), côco (gigante) e manjelão. Quanto às espécies arbóreas no Olga há maior diversidade: cambota, canezá, murici, sucupira, laranjinha, babatenã, pindaíba, trinca dor, louro, biriba e sapucaia. Uma observação interessante diz respeito aos coqueiros que existem no Moacir Wanderley e no Olga Benário, enquanto no primeiro os coqueiros se encontravam em declínio produtivo mesmo tendo sido implantado sob as recomendações agronômicas quando da implantação do PRONAF A, o segundo possuía coqueiros

gigantes antigos de mais de 30 anos que da mesma forma não recebiam tantos cuidados e continuam produzindo, inclusive trata-se de uma das rendas fixas que é possível encontrar com todos os assentados do Olga Benário.

Os agricultores encontram uma série de insetos que acompanham as culturas, geralmente como predadores, são eles: grilo (milho e feijão), lagarta (feijão, milho, amendoim, macaxeira, caju e milho) abelha e arapuá (côco, banana, maracujá e laranja) e formiga de roça nas culturas em geral.

Quanto ao manejo das culturas há proximidades com as práticas agroecológicas pelo uso das capinas (ao invés de herbicidas), adubação orgânica, produção de mudas a partir de sementes próprias e controle alternativo de pragas. De um modo geral as estratégias adotadas pelos agricultores indicam opções favoráveis a busca da afirmação da agricultura familiar e a conquista da autonomia, ao priorizar a diversidade da base alimentar, culturas anuais e florestais apropriadas para os ecossistemas, otimização dos recursos disponíveis e relações comerciais em feiras. Os projetos de produção a serem sugeridos desafiam a extensão rural participativa, frente às suscetibilidades locais, mas são fundamentais para direcionar as práticas no caminho da alimentação saudável e das bases ecológicas de produção.

Bibliografia Citada

Machado, Cinthia Torres de Toledo; Machado, Altair Toledo. **Roteiro para diagnóstico participativo de agroecossistemas**: proposta para avaliações com enfoque na agrobiodiversidade e em práticas agroecológicas. Planaltina, DF: Embrapa Cerrados, 2006.

SANTILLI, Juliana. **Agrobiodiversidade e direitos dos agricultores**. São Paulo: Petrópolis, 2009.

PLOEG, Jan Douwe Van Der. **Camponeses e impérios alimentares**. Lutas por autonomia e sustentabilidade na era da globalização. Porto Alegre: Ed. Da UFRGS, 2008.

THOURTON, Ricardo Dominic. **Los, 90 y el nuevo siglo em los sistemas de Extensión Rural y Transferencia de tecnologías públicos em el Mercosur**. Santa Rosa, Chile: INTA, 2006.